

MEMÓRIA COLETIVA, ORALIDADE E LETRAMENTO

Lucrecio Araújo de Sá Júnior

Doutor pela Universidade Federal da Paraíba com período na Universidade de Lisboa. É professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: lucrecio.sa@gmail.com

RESUMO

Na cultura popular evidenciam-se os mitos, lendas, contos, provérbios, orações, maldições e encantamentos. Dessa forma, podemos pensar na existência de textos para finalidades específicas em tempo e espaço determinados que constituem a cultura de um povo. O presente trabalho tem como objetivo discutir uma proposta metodológica, que apresenta no seu desenvolvimento um novo enfoque para o ensino/aprendizagem a partir da cultura popular.

PALAVRAS-CHAVE

Memória coletiva; Oralidade; Cultura; Letramento.

ABSTRACT

In the popular culture, myths are proven to be legends, stories, sayings, conjuncts, curses and its formulated magic. In this form, we can think about the existence of texts for specific purposes in definitive time and space that constitute the culture of a people. The present work has as objective to discuss a metodologic proposal, is a new approach for education that is present in development/learning from the popular culture.

KEY WORDS

Collective memory; Voice; Culture; Literacy.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo discutir uma proposta teórico-metodológica, que apresenta no seu desenvolvimento um novo enfoque para o ensino/aprendizagem a partir da cultura popular. Parto do pressuposto que as manifestações da cultura popular de cada região podem ser largamente viabilizadas para o trabalho didático-pedagógico em sala de aula. Para tanto, basta entender que a cultura popular e a educação compartilham do mesmo propósito; ambas são produzidas a partir da vivência e concepção de mundo que o educando traz consigo na sua característica maior de ser único e individual construtor de uma vivência em sociedade. Para isso, é necessário manter o foco nas práticas sociais de leitura e de escrita no contexto da cultura popular.

Este texto não se fundamenta numa concepção de letramento como sendo o *impacto* ou as *consequências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o *estado* ou *condição* de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa com os *eventos* relacionados ao uso e função da voz. Em outras palavras, o que aqui se pretende é perseguir uma mais ampla compreensão de letramento, buscando um novo sentido para essa palavra e fenômeno, introduzindo-o no contexto da cultura popular.

Na cultura popular evidenciam-se os mitos, lendas, contos, provérbios, orações, maldições e encantamentos. Dessa forma, podemos pensar na existência de textos para finalidades específicas em tempo e espaço determinados que constituem a cultura de um povo. A memória, uma das formas existentes de arquivamento do imaginário popular, depende da oralidade que é quem exerce o papel contínuo do arquivo. Mas, além da oralidade, a *escritura* surge, em alguns momentos, para mostrar a sua importância na síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos.

Neste trabalho, inicialmente abordo que a *memória e o imaginário popular* revelam isto, pois o universo humano, os valores e as práticas sociais dependem das aspirações de cada povo, dos seus desejos e ideias. O crescente interesse que a memória vem suscitando hoje decorre da inspiração nos estudos voltados aos aspectos da cultura popular, da vida em família, dos hábitos e costumes de uma localidade, da religiosidade, entre outros, que são, sem dúvida, pontos que remetem à constituição de uma sociedade. Num segundo momento, enfatizo que todo saber cumulativo que uma sociedade tem de si é lançado no mundo através da oralidade. As tradições orais constituem textos discursivos dos quais a escrita surge como arquivamento estratégico. A partir disso, considero que este patrimô-

nio imaterial pode contribuir na perspectiva pedagógica do letramento. Estender o conceito de letramento para além da leitura e escrita é o ponto principal deste trabalho, pois além de saber ler e escrever, e ter estas práticas como presença cotidiana, é preciso que os sujeitos sociais, enquanto educandos, tenham conhecimento dos valores intrínsecos da cultura que estão inseridos.

Edgar Morin (1997) em sua obra diz que a cultura popular é muito esquecida e ignorada em detrimento da cultura de massa. A cultura de massa se sobrepõe sobre a cultura popular principalmente pela influência da indústria da propaganda e estimulação do consumo. Segundo o autor, estamos vivendo em uma sociedade marcada pelo individualismo e pelos desejos de indivíduos que procuram nos programas de televisão e filmes, se assemelharem aos heróis ou vedetes, dessa forma não assumindo uma responsabilidade plena, de encarar a própria realidade. Segundo Montenegro, essa alienação pode ser superada por meio da valorização e do reconhecimento da memória popular. Isso significa dizer, que realizar o registro das memórias de um dado grupo é entender como essas lembranças “*atuaram na determinação da compreensão do passado, do presente e do futuro*” (MONTENEGRO, 2001, p. 15).

Montenegro ressalta que é preciso buscar compreender como as respostas da cultura popular ocorrem a partir de suas necessidades na luta pela sobrevivência, ou seja, examinar a construção simbólica expressada por esta cultura que responde de acordo com as suas necessidades. Reconhecer os valores da cultura popular é reconhecer a própria identidade e saber distinguir a inovação da cultura emergente (de massa) e a tradição. É óbvio que um trabalho de educação baseado nestas premissas deve destacar e mobilizar o rico potencial heurístico e estético da cultura popular, acompanhado de uma detalhada pesquisa etnográfica sobre as práticas sociais em que estão envolvidos, bem como de seus fundamentos sociais e cosmológicos.

1 MEMÓRIA E IMAGINÁRIO POPULAR

Todo grupo tem um saber cumulativo de si oriundo da memória, que é empregado na linguagem, pois o tipo de cultura é determinado pelo uso que uma sociedade faz da memória. Para Maurice Halbwachs (1990) a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. Dessa forma, todas as lembranças, mesmo de um texto escrito, como elemento de uma sociedade, é constituído no interior de um grupo.

A questão central na obra *Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs (1990) consiste na afirmação de que a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, pai-

xões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, é concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 1990). A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

Para Gilbert Durand (1997) o imaginário popular é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade. Gilbert Durand assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo.

É no imaginário que as sociedades esboçam suas identidades, objetivos e organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário popular caracteriza-se por seu aspecto social e expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.

Como indica Baczko (1984), a imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas. A rede imaginária possibilita as vitalidades histórica e cultural das criações dos sujeitos — isto é, os usos sociais das representações e das idéias.

Os símbolos revelam o que está por trás da organização da sociedade e da própria compreensão da história. Em outras palavras: a imaginação é um dos modos pelos quais a consciência apreende a vida e a elabora. A consciência obriga o homem a sair de si mesmo, a buscar satisfações que ainda não encontrou. Na cultura popular o itinerário simbólico para a construção do imaginário social depende, portanto, do fluxo comunicacional entre o emissor (que irradia uma concepção de mundo integrada a seus objetivos estratégicos) e o receptor (que a decodifica ou não). São pólos inseparáveis do circuito estruturador dos sentidos.

Os valores culturais não se reduzem à dimensão simbólica, mas só existem no simbólico, pois são legitimados por significações que encarnam sentidos reconhecidos pelas comunidades. Interface do individual com o social, o símbolo

é, segundo Yves Durand (1969), a marca da incessante troca existente, em nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as pressões objetivas provenientes do meio cósmico e social.

Os sistemas simbólicos emergem para unificar o imaginário social. Vale dizer, arquitetam as finalidades e a funcionalidade das instituições e dos processos sociais. Através dos múltiplos imaginários, uma sociedade traduz visões que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano. O real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário, e nisto consiste a transcendência das ideologias: elas expressam as relações vividas pelos agentes sociais.

2 ORALIDADE E ESCRITURA POPULAR

A oralidade e a escritura são expressões da cultura popular, dos costumes e tradições de um povo. Todos os povos têm nas tradições orais (e também escritas) a manifestação do seu imaginário. O imaginário é evidenciado e elaborado pela oralidade e escritura popular que representam e manifestam a sabedoria do povo. Ao abordarmos a oralidade, não nos podemos esquecer de que lidamos com uma das modalidades do sistema lingüístico que, junto com a escrita formam o processo de construção do pensamento humano.

As tradições orais são fundamentais para a manutenção dos costumes e servem de alicerce para a constituição da história de uma sociedade. Mas, a escritura vai preencher duas funções: transmissão do texto e conservação do texto. Zumthor (1997) defende a possibilidade de que, em função do momento histórico, o texto vai depender ou de uma oralidade que funcione na zona da escritura ou de uma escritura que funcione na oralidade. Vários textos vão aparecer na escritura sem acabamento, sobretudo a *poesia oral*. A voz está presente na escrita e vice-versa: é “o verbo encarnado na escritura” (1997, p.113).

A passagem do vocal para o escrito é repleta de confrontações, tensões, oposições conflitivas e muitas vezes contraditórias; é mais do que transcrição, é transcriação. A poesia terá seu registro assegurado muito provavelmente bem depois de sua criação, perdendo assim o rigor de sua transcrição. O texto oral desfaz e recria permanentemente o seu sentido, o que não ocorre tão rapidamente com a escritura. A *movência* das interpretações que se fazem deles também é diferenciada. A impossibilidade da escrita concede ao homem uma melhor performance por permiti-lo alcançar maior fidedignidade ao que está sendo interpretado, justamente porque vai livrá-lo da tensão resultante da capacidade de executar os dois papéis.

Embora utilizando o mesmo sistema lingüístico, a oralidade e a escritura pos-

suem características diversas e, por não serem estanques, verificamos que existem textos escritos situados bem próximo ao âmbito da fala e, por outro lado, textos falados que se aproximam da escrita formal. Entre eles, encontramos também tipos de textos que misturam as características pertinentes às duas possibilidades mencionadas. Não há como questionar qualquer distinção entre a fala e a escrita. Existem diferenças estruturais justificadas pelos pesquisadores porque apresentam diversidade no que diz respeito ao modo de aquisição, na condição de produção, transmissão e recepção e nos meios em que se organizam.

Ao refletirmos sobre a duração e memória dos textos orais da cultura popular Zumthor (2000) nos diz que ela nunca é a mesma, pois qualquer forma de arquivamento compromete a integridade semântica e estrutural do texto. Se o texto for oral recorre-se à passagem do oral para o escrito como um meio de conservação mais seguro (menos contundente) do que foi dito, pois as narrativas faladas são mais propensas às intervenções e influências externas, ainda que este recurso permita a perda do que se tem de mais precioso: o movimento vital da performance, mas em contrapartida, estimulará novas performances. A escritura não garante, portanto, a perpetuação ou imutabilidade da obra, apenas a torna menos violável. A memorização, única forma existente de arquivamento até o surgimento da escrita, continua a cumprir seu ofício ainda que à margem do arquivamento.

3 LETRAMENTO E CONCEPÇÕES DE LEITURA

A mistura entre o oral e o escrito na cultura popular se baseia em evidências sócio-culturais. É possível encontrar textos escritos que surgem de uma narrativa, de uma estória, de uma cantiga, de uma reza ou de algumas situações corriqueiras da vida.

Dessa maneira, sob a perspectiva do ‘modelo autônomo do letramento’ o educador poderá fazer uso dos atributos naturalizados dos “textos” da cultura popular, para tornar válidos os valores, as idéias, as relações advindas da memória e do imaginário. Há aí uma natureza mista entre o oral e o escrito, pois a cultura de um povo pode ser entendida como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, mas encontra-se muito distante das percepções do indivíduo, refere-se a valores socialmente instituídos e compartilhados, dos quais todos tomam parte.

Segundo Magda Soares (1998), a palavra letramento começa a ser usada a partir do momento em que o conceito de alfabetização tornou-se insatisfatório. Não basta mais saber ler e escrever tão somente, é preciso saber fazer uso da leitura e da escrita. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da

aquisição da escrita. “Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas ‘letradas’ em sociedades ágrafas” (SOARES, 1998, p. 9).

De acordo com Magda Soares, o educando além de aprender a ler e escrever deve dominar as práticas sociais de leitura e escrita. As novas propostas metodológicas também, de hoje, sugerem que se leve o educando a conviver, experimentar e dominar as práticas de leitura e de escrita que circulam na sociedade. Dessa forma, o conceito de letramento precisa ser discutido dentro das práticas sócio-culturais que circulam em uma sociedade. Pois ser letrado não significa apenas tomar parte do sistema da escrita em que se vive: “ler jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber escrever e escrever cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, saber preencher um formulário, redigir um ofício, um requerimento, etc” (SOARES, 2002); mais que tudo isso, é necessário que o educando possa tomar conhecimento da cultura a que pertence, das tradições populares, dos elementos performativos da oralidade e da escritura, da teatralidade, enfim do real reconhecimento do universo que a sua memória abarca e do domínio do seu imaginário.

Neste sentido, ao abordar o uso de material etnográfico na sala de aula, podemos nos referir a João David Pinto-Correia que identifica os tipos de textos conservados em memória nas múltiplas sociedades e propõe sua classificação e divisão em macroconjuntos, o que chama *Gêneros da literatura oral e tradicional* (1993). Para Pinto-Correia, a designação “Literatura Popular” corresponde a um conceito demasiado amplo e ambíguo. Mas, há a possibilidade, segundo o autor, de “arrumar os principais gêneros, segundo critérios coerentes” (PINTO-CORREIA, 1993, p. 69).

Dessa maneira, seguindo a natureza das componentes discursivas e a sua funcionalidade temos (aqui sumariamente) a seguinte classificação dos três macroconjuntos: (i) O primeiro diz respeito ao sentimento e ao afeto, à confessionalidade ou mesmo a práticas que têm a ver com crenças e superstições, é *prácticoreligioso*; (ii) O segundo é composto pelas composições *narrativo-dramáticas*. Na sua maior parte são em prosa, comunicam ações completas ou pequenos episódios narrativos, sempre completados pelo diálogo; (iii) O terceiro, as *composições dramáticas*: dizem respeito às peças e aos diálogos que muito abundam na vida quotidiana do povo. A designação mais habitual para estas composições é a de *autos*. Mas, há de se considerar a sua tipologia funcional (PINTO-CORREIA, 1993, p. 65).

Cada um desses *macroconjuntos* aponta para um conteúdo específico e respectiva expressão. Para o autor, em cada um desses macroconjuntos temos de

considerar duas vertentes: a religiosa e a profana. De maneira bem detalhada, Pinto-Correia oferece subsídio para perceber, dominar e registrar o itinerário simbólico da memória e do imaginário social. Vale dizer, a arquitetura das finalidades e funcionalidades das tradições e dos processos sociais. O trabalho de Pinto-Correia se fundamenta no campo da oralidade, expressões da cultura popular, dos costumes e tradições do povo. Todos os povos têm nas tradições orais a manifestação do seu imaginário. Ao abordarmos a oralidade seguindo as indicações do referido autor, não nos podemos esquecer de que lidamos com uma das modalidades do sistema lingüístico que, junto com a escrita formam o processo de construção do pensamento humano. Desse modo, Pinto-Correia nos dá indicação sobre a possibilidade de encontrar textos que surgem de uma narrativa, de uma estória, de uma cantiga, de uma reza ou de algumas situações corriqueiras da vida.

Considerando as indicações dos Gêneros da Literatura Oral, acredito que o educador/pesquisador poderá fazer uso dos atributos naturalizados dos “textos” da cultura popular para tornar válidos os valores, as ideias, as relações advindas da memória e do imaginário. Há aí uma natureza mista entre o oral e o escrito, pois a cultura de um povo pode ser entendida como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, refere-se a valores socialmente instituídos e compartilhados, dos quais todos tomam parte.

Muitas são as pessoas que desconhecem o valor da sua cultura, isso provoca uma ruptura indescritível da própria identidade. Neste sentido, a alfabetização e o letramento se somam, são complementos. Pois um caminho importante no processo de educação para “criar hábitos e desenvolver habilidades, sentir prazer de ler e escrever diferentes gêneros de textos” (SOARES, 2002) seria trazer para as salas de aulas a discussão, o conhecimento e as competências presentes no universo da cultura popular do educando.

Paulo Freire (2001) sugere que, o processo de ensino e aprendizagem através da cultura popular permite ao aluno expressar suas concepções de mundo. Isso é possível utilizando os diversos meios de expressão textual presentes na cultura popular, sejam eles, os benditos, as rezas, as benzeções, as estórias, os mitos, as lendas, etc. Considerar a oralidade e escritura popular, o imaginário, a memória como possibilidade de um novo enfoque para a educação, é considerar uma alternativa diferenciada para o processo de aquisição da leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem através da cultura popular permite ao aluno expressar suas concepções de mundo utilizando-se dos diversos meios de

expressão, seja ele, a música, a oralidade ou expressões corporais. Assim, apresento teoricamente neste trabalho como alguns elementos da cultura popular podem contribuir significativamente no processo de letramento. Parto do pressuposto de que as expressões culturais podem ser largamente viabilizadas para o trabalho pedagógico em sala de aula, sendo ela, a mediadora no processo de ensino e aprendizagem na educação.

Refiro-me à cultura popular como mecanismo alternativo para contribuir no processo pedagógico em sala de aula, enfocando o processo de letramento. Portanto, o educador ao mesmo tempo em que trabalha os conteúdos referentes ao processo de ensino, pode estar provocando o reconhecimento da identidade e dos valores histórico-cultural do educando. Essa prática de ensino-aprendizagem poderá enfraquecer a marginalização das culturas locais que na observação de Ecléa Bosi (1977) atualmente estão cada vez mais encobertas pela cultura de massa.

Ao trabalhar a cultura popular como mediadora no processo educativo de letramento é possível desenvolver alguns sentidos ocultados pelo não reconhecimento das identidades culturais. Educar a partir da cultura significa desenvolver competências que consistem em atitudes e habilidades individuais e coletivas apresentadas como a consciência crítica, imaginação, criatividade, expressão e comunicação.

É importante que fique claro que a minha proposta não se refere apenas ao uso de livros e coleções didáticas que já ocupam atualmente grandes espaços nas salas de aula. Este material se constitui de textos híbridos, passível de ser utilizado em qualquer tempo e lugar. Falo da abordagem efetiva das práticas populares que estão efetivamente em uso pela comunidade nas quais os sujeitos sociais estão inseridos. Estas práticas variam de acordo com o tempo e o lugar, e não são as mesmas para cada povo. A memória e o imaginário revelam epistemologicamente cada atitude.

Falo das tradições que correm de boca em boca, com algumas ou com muitas modificações. E também das escrituras que fazem um acréscimo ocasionalmente nas performances. Falo de textos que se conservam mais acentuadamente de acordo com determinadas circunstâncias. A proposta de letrar através destes textos poderá adentrar no campo da lingüística, para se fazer conhecer a linguagem, a norma culta, o padrão e o oficial; no campo da história e da antropologia, no sentido de procurar entender as origens, a identidade e os valores; no campo da literatura e das artes, para mostrar a oposição e semelhança entre o popular e o erudito; no campo político-ideológico poderá ocasionar uma crítica à cultura emergente de massa. Um trabalho efetivo em sala de aula pode auxiliar a consciência essencial das tradições populares.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs.** Paris, Payot, 1984, p. 54.
- BOSI, Cléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários.** Petrópolis: vozes, 1977.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Yves. “A formulação imaginária do imaginário e seus modelos”. In **Cahiers de recherches sur l’imaginaire** (Methodologie de l’imaginaire). Paris: Meriand, 1969, p. 134.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**, 9ª edição . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória – a cultura popular revisitada.** 3º edição. São Paulo: editora Contexto, 2001.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose.** (Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- ONG, W.J. **Orality and literacy: the technologizing of the word.** London: Methuen, 1982. (Trad. português: Oralidade e cultura escrita. Campinas: Papirus, 1998).
- PINTO-CORREIA, João D. **Os gêneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação.** *Revista Internacional de Língua Portuguesa.* Lisboa, 1993.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. **Novas práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura.** *Educ. Soc.* v.23 n.81 Campinas dez. 2002
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Performance, Recepção e Leitura.** São Paulo: Educ, 2000.